

O problema da “participação” platônica em *Parmênides* 132b-c

André Luiz Braga da Silva¹

Universidade de São Paulo (FFLCH - USP)

Resumo: Em *Parmênides* 132b-c é afirmado que se as Ideias fossem pensamentos, então as coisas que participam nelas também seriam pensamentos. A afirmação soa estranha dentro da dinâmica, apresentada no *corpus platonicum*, da “participação” dos entes sensíveis nas Ideias; todavia, não parece simples determinar o motivo desta estranheza. A chave do problema pode ser uma identificação dos tipos de qualidades das Ideias ou Formas inteligíveis que estão implicados na “participação”. Vários especialistas trataram da matéria na segunda metade do século XX (OWEN, 1968; KEYT, 1969 e 1971; VLASTOS, 1972), tendo sempre como ponto de partida a distinção de qualidades das Ideias traçada no texto dos *Tópicos* de Aristóteles (137b3-13). Nesse sentido, o presente artigo: i) apresenta os conceitos utilizados no tratamento desta matéria pelos exegetas: “atributos ideais”, “atributos próprios”, “Distinção-P”, “Predicação Paulina”, “Predicação Ordinária” e “Autopredicação”; ii) explica a incompatibilidade da distinção aristotélica de qualidades das Ideias (“Distinção-P”) com a ontologia apresentada nos próprios diálogos platônicos (VLASTOS, 1972 e 1973; CHERNISS, 1944); iii) sugere uma nova “Distinção-P”, mostrando sua compatibilidade com essa ontologia; iv) aplica-a ao caso daquela afirmação sobre as Ideias de *Parmênides* 132b-c, demonstrando a utilidade dessa distinção pela elucidação que ela promove da dinâmica da “participação” nessa passagem.

Palavras-chave: Platão; Ideias; Participação; Predicação; Parmênides.

¹ Informações do autor: integrou o grupo de Estudos Platônicos da PUC-SP e o grupo de tradução de obras gregas do Centro de Estudos Hellenicos Areté; possui experiência profissional como Professor Substituto na UERJ; possui Bacharelado em Filosofia pela UFRJ, Mestrado em Filosofia pela UFU e atualmente está concluindo seu Doutorado em Filosofia pela USP. E-mail: andrebragart@yahoo.com.br

Abstract: At *Parmenides* 132b-c it is stated that if Ideas were thoughts, so things sharing in them also would be so. This statement sounds strange in view of dynamic of “participation” of sensibles in Ideas, as presented in *corpus platonicum*; however, it seems not easy to specify why it is strange. Key of problem may be an identification of the kinds of qualities of intelligible Ideas or Forms to which “participation” is related to. At second half of 20th century, this matter was analyzed by some scholars (OWEN, 1968; KEYT, 1969 e 1971; VLASTOS, 1972), since distinction of Ideas' qualities drawn in Aristotelian *Topics* (137b3-13). Then this paper: i) presents the concepts used by scholars in regards of this subject: “ideal attributes”, “proper attributes”, “Distinction-P”, “Pauline Predication”, “Ordinary Predication” and “Self-Predication”; ii) explains incompatibility between Aristotelian distinction of Ideas' qualities (“Distinction-P”) and dialogues' own ontology (VLASTOS, 1972 and 1973; CHERNISS, 1944); iii) suggests a new “Distinction-P”, showing its compatibility with that ontology; and iv) applies it to case of that statement about Ideas in *Parmenides* 132b-c, demonstrating distinction utility to elucidating the dynamic of “participation” in this text.

Keywords: Plato; Ideas; Participation; Predication; Parmenides.

1. Prólogo

Certa vez, Robert Brumfield escreveu (2010): “Se um único álbum tivesse que explicar o jazz, um forte candidato seria *Kind of Blue*, do trompetista e *bandleader* Miles Davis”. Segundo Brumfield, um dos segredos do sucesso do álbum, e também da carreira do grande músico, foi a sua notável “noção de tempo e o uso do silêncio em sua música” (*idem*). De fato, várias estórias apontam para a importância para Davis do elemento da duração e da ausência de som, seja de um instrumento em específico, seja de todos. Conta-se que certa vez ele chegou a

repreender John Coltrane, perguntando-lhe “Você não pode tocar apenas 27 *choruses* em vez de 28?”; ao que o saxofonista do quinteto teria murmurado “Eu sei, eu sei... Eu toco tempo demais” (ZWERIN, 1998). Em outra ocasião, quando outro saxofonista, Robert Berg, tocou numa parte da música para a qual não estava “escalado” no arranjo, e na qual nunca havia tocado antes, Davis indagou-lhe por que o havia feito. A resposta foi sincera: “É que esta parte estava soando tão bem, que eu tive que tocar.” Irritado, o líder solavancou: “A razão de porque soava bem era porque você *não* estava tocando” (*idem*). Para ele, era preciso aprender o valor do silêncio, a hora certa de cessar o sopro e a tecla...; e nisso, era um mestre. O silêncio, John Cage (1961) ensinara àquele mundo da música dos anos 60, era mais do que o intervalo entre notas musicais; ele era também a ocasião para o ouvinte tornar-se partícipe da performance do músico: o convite, a abertura, para soar em cada um o som que está *fora* do palco.

2. Nossos pontos de partida

Para entrar no ponto da discussão que aqui me interessa, será preciso contar com alguns conceitos e com dois pressupostos. Tais conceitos e pressupostos foram por mim discutidos em outros trabalhos², e, infelizmente, face aos limites inerentes a um curto artigo, ser-me-á impossível repetir este percurso aqui. De modo que sou

2 Tais conceitos e pressupostos encontram-se melhor explicados e discutidos em: SILVA, A. L. B. “Ideias de Bem e de Belo, os fôtons da filosofia? - uma discussão com Gerasimos Santas arbitrada por G. Vlastos”. In: *Investigação Filosófica*, Vol. 6 - Edição especial do I Encontro Investigação Filosófica (2015), p. 62-79 (disponível em <http://periodicoinvestigacaofilosofica.blogspot.com.br/> - página de internet, acesso em 18/12/2015, às 15:03); e em: SILVA, A. L. B. “Nossa, Apolo, mas que exagero extraordinário?” - Algumas notas sobre Ontologia e a Ideia de Bem em Platão *República* VI 508e-509c. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G.; MONTENEGRO, M. A. (org.). *Platão*. São Paulo: ANPOF, 2015 (Coleção XVI Encontro ANPOF) (disponível em http://www.anpof.org/portal/images/Colecao_XVI_Encontro_ANPOF/CarvalhoM_CornelliG.MontenegroM.A._Platao_Colecao_XVI_Encontro_ANPOF.pdf - página de internet, acesso em 23/12/2015, às 10:55).

obrigado a pedir ao meu leitor, quanto a eles, a indulgência de mos conceder sem discussão, após brevíssima apresentação. Para as eventuais (bem-vindas) críticas sobre tais pontos prévios, convém direcioná-las também a estes trabalhos (mencionados na nota anterior). Vejamos então os conceitos e os pressupostos:

a) **“Ideias” e “instâncias sensíveis”:** o básico da ontologia apresentada nos diálogos platônicos é, em termos gerais, que existem dois modos de ser diferentes na realidade: o modo de ser das “Formas” ou “Ideias”, e o das “instâncias sensíveis”; são propriedades das Ideias mas não das instâncias sensíveis: serem eternas, únicas, imutáveis, essências (*ousíai*), com realidade em si e por si, e passíveis de intelecção mas não de sensação; são propriedades das instâncias sensíveis mas não das Ideias: serem 'perecíveis', múltiplas, mutáveis, da ordem da geração (*génésis*), com realidade dependente em relação às Formas (ao modo da “semelhança” e “participação”), e passíveis de sensação mas não de intelecção (cf., p. ex., *República* V, 476a4-d4; 478c7-480a13; VI, 484b3-4; 485b1-3; 486d9-10; 490b2-4; 493e2-494a5; 500b8-c5, 507b2-c2).

b) **“Participação”:** é a relação causal entre instância e Ideia, sendo regida por aquilo que vou chamar de “Regra de Causalidade”;

c) **“Regra de Causalidade”:** regra apresentada no *Fédon* que rege a dinâmica da “participação” na Hipótese das Formas (chamada por alguns de "Teoria das Ideias") apresentada nos diálogos platônicos, e que pode ser assim enunciada: a instância possui a qualidade X unicamente devido à relação de “participação” na Ideia de X, Ideia esta a qual é o correspondente inteligível da qualidade X (*Fédon* 100b5-c8 e alhures);

exemplo: Helena de Esparta é bela devido a nenhum outro motivo além do fato de ela participar na Ideia de Belo;

d) **“Autopredicação”**: dizer que ocorre a uma Forma ou Ideia o fenômeno da “Autopredicação” (ou “Autoexemplificação”, “Autocaracterização”) significa dizer que a Forma não é apenas o correspondente inteligível de determinada qualidade, mas que efetiva e literalmente a própria Forma é uma “instância” da qualidade a que ela corresponde, isto é, que ela “exemplifica” ou “possui” a qualidade da qual ela é o correspondente (ALLEN, 1960; VLASTOS, 1965, 1965/1966, 1969, 1972, 1973a e 1973b³; NEHAMAS, 1972; etc); exemplo: se as Ideias forem autopredicáveis, então a Ideia de Justiça será ela mesma uma coisa justa, a Ideia de Mesa será ela mesma uma mesa e a Ideia de Animal será ela mesma um animal;

e) **“Distinção-P” aristotélica**: distinção estabelecida no texto dos *Tópicos* (137b3-13) entre dois tipos de propriedades identificáveis numa Ideia platônica, a partir da *relativização* da posse dessas qualidades a certos aspectos dessa Ideia; tais tipos de propriedades foram posteriormente batizados, entre outras alcunhas, de “Propriedades Próprias” e “Propriedades Ideais” (KEYT, 1969 e 1971; SANTAS, 1999; cf. também OWEN, 1968);

f) **“Propriedades Próprias” a partir do texto de Aristóteles⁴**: propriedades da Ideia de X que ela possui *enquanto X*, i.e., *com relação ao fato de ser X*;

exemplos de Propriedades Próprias da Ideia de Cavalo: “ser mamífero” e “ser quadrúpede”;

3 VLASTOS, *Degrees of Reality in Plato* (1965; doravante: “D.R.”); *A Metaphysical Paradox* (1965/1966; doravante: “M.P.”); *Reason and Causes in the Phaedo* (1969; doravante: “R.C.”); *The Unity of Virtues in the Protagoras* (1972; doravante: “U.V.P.”); *An Ambiguity in the Sophist* (1973; doravante: “A.S.”); *The Two-Level Paradoxes in Aristotle* (1973; doravante: “T.L.P.A.”).

4 A nomenclatura “Propriedades Próprias” e Propriedades Ideais” é cunhada pelos comentadores aludidos no item “e” acima e não se encontra nos textos aristotélicos, como os *Tópicos*, *Metafísica*, etc.

g) **“Propriedades Ideais” a partir do texto de Aristóteles:** propriedades da Ideia de X que ela possui *enquanto Ideia*, i.e., *com relação ao fato de ser Ideia*;
exemplos de Propriedades Ideais da Ideia de Cavalo: “ser imutável” e “ser eterna”;

h) **“Predicação Ordinária” e “Predicação Paulina”:**

Gregory Vlastos identifica (T.L.P.A., 1972; A.S., 1973a)⁵ duas maneiras de um enunciado atribuir uma propriedade a (ou “*predicar um atributo de*”) uma qualidade; e ele chamou essas duas maneiras de “Predicação Paulina” e “Predicação Ordinária” (esta última também chamada por alguns de “não-Paulina”). A novidade é a primeira, a “paulina”, haja vista ela fazer apelo a uma demora maior, por parte do intérprete do enunciado, sobre o real sentido da assertiva que a contém. De início, Vlastos procurará mostrar justamente que, ainda que seu esmiuçamento possa nos causar espécie, esse tipo de predicação é recorrente e perfeitamente normal na linguagem a que estamos todos habituados a empregar. Para evidenciar isso, o estudioso dará (VLASTOS, 1972) dois exemplos de ocorrência perfeitamente detectável de Predicação Paulina: um em grego antigo (em *koiné*), outro em inglês – ambas as passagens citadas já traduzidas:

Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται, ἡ ἀγάπη οὐ ζηλοῖ, οὐ πεπερεύεται, οὐ φυσιοῦται, οὐκ ἀσχημονεῖ, οὐ ζητεῖ τὰ ἔαυτῆς, οὐ παροξύνεται, οὐ λογίζεται τὸ πακόν, οὐ χαιρεῖ ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ, συνχαίρει δὲ τῇ ἀληθείᾳ: πάντα στέγει, πάντα πιστεύει, πάντα ἐλπίζει, πάντα ύπομένει. Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει.

A caridade é paciente, é benigna. A caridade não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz

5 Cf. nota 2.

inconveniente mente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acaba.
(*1 Coríntios* 13, 4-8 – tradução J. F. de Almeida, com modificações⁶)

O melhor tipo de coragem (aquela a qual faria um homem agir sem egoísmo num campo de concentração) é inabalável, calmo, temperante, inteligente, amável [...].

(MURDOCH, 1970, p. 57, *apud* VLASTOS, 1972, p. 253)

Em relação ao primeiro exemplo, o comentador turco afirma que, seja os próprios destinatários (os coríntios), seja nós mesmos hoje em dia, qualquer um que lesse a epístola do apóstolo Paulo entenderia que ele estava “obviamente predicando ‘paciência’ e ‘bondade’ daqueles que têm a virtude da caridade”, e nada de diferente disso (VLASTOS, 1972, p. 253). Isto é, seria absurdo arguir que algum homem não entenderia que, na sentença bíblica acima, uma qualidade moral como paciência estivesse literalmente sendo atribuída a uma outra qualidade moral, a caridade, que como tal é uma entidade igualmente abstrata e sem possibilidade de ser ela mesma “paciente” ou “impaciente”. E o mesmo vale para a sentença de Murdoch, citada na sequência: o único sentido razoável que existe na mesma é: quem quer que tenha coragem (isto é, que seja “corajoso”), será também “inabalável”, “calmo”, “temperante”, “inteligente” e “amável”. Senão, que sentido poderia haver em dizer que a coragem ela mesma, enquanto qualidade moral, é... “inteligente”?

⁶ BÍBLIA SAGRADA. Tradução J. F. de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Poderia uma qualidade abstrata⁷ ser... “amável” ou “intratável” com alguém?

A partir dessas explicações, podemos agora definir os dois tipos de predicação identificados por Vlastos em sentenças envolvendo qualidades (U.V.P., 1972, p. 235-239; 253-254; A.S., 1973, p. 272-274⁸):

h.1) **“Predicação Ordinária”**: é, numa sentença envolvendo uma qualidade X, a atribuição de uma propriedade a esta qualidade X de modo literal (VLASTOS, 1972; 1973a);

exemplos de ocorrência de Predicação Ordinária: “A justiça é definível” e “A caridade é uma qualidade moral”; i.e., tomar estes casos como “Predicação Ordinária” significa que “ser definível” e “ser uma qualidade moral” são propriedades literalmente da própria justiça e da própria caridade, respectivamente;

h.2) **“Predicação Paulina”**: é, numa sentença envolvendo uma qualidade X, a atribuição de uma propriedade a esta qualidade, mas não significando a atribuição literal à própria qualidade X: nesse caso o significado real é a atribuição da propriedade a toda e qualquer instância que houver dessa qualidade, e isso de maneira necessária (VLASTOS, 1972; 1973a);

exemplos de ocorrência de Predicação Paulina: “A justiça é cega” (i.e., “imparcial”) (ditado popular) e “A caridade é paciente” (*1 Coríntios* 13,

7 O presente trabalho não é ocasião para entrar no mérito de se o tratamento como “qualidades abstratas” ou como “conceitos lógico-lingüísticos” é ou não apropriado para as Formas platônicas. Entretanto, sobre isso, eu gostaria de opinar apenas duas coisas: i) eu considero legítima a crítica empreendida a este tratamento por autores como Dixsaut (2001); contudo ii) eu não considero que as questões (como a respeito de Autopredicação e Predicação Paulina) levantadas por Vlastos nos artigos mencionados na nota 2 deixem de existir mesmo se efetuarmos a “correção” (reclamada por Dixsaut) da visão ‘lógica’ para a ‘ontológica’. Por exemplo, o fato de eu chamar as Formas de “entidades inteligíveis reais” em vez de “entidades abstratas” ou “conceitos” não faz com que a autocaracterização delas, como regra geral, deixe de conduzir a absurdos.

8 Ver nota 2.

4); em tais sentenças a predicação não é para ser lida de modo literal em relação a “justiça” e “caridade”, mas em relação às coisas que possuem essas qualidades (suas instâncias); traduzindo as assertivas em Predicação Ordinária teríamos:

“A justiça é imparcial” (Pred. Paulina) = “Se houver algum homem justo (i.e., uma instância de Justiça), ele necessariamente será também imparcial” (Pred. Ordinária)

“A caridade é paciente” (Pred. Paulina) = “Se houver algum homem caridoso (i.e., uma instância de Caridade), ele necessariamente possuirá também a paciência” (Pred. Ordinária)

i) **Pressuposto (1) a ser assumido:** a assunção pura e simples da Autopredicação como regra geral para as Ideias inteligíveis implicaria estes entes possuírem propriedades que não podem possuir, i.e., propriedades incompatíveis com a ontologia platônica. Um exemplo: a Ideia de Animal, sendo autpredicável, seria ela mesma um animal, possuindo assim alma e corpo; todavia, é sabido que as Ideias são obrigatoriamente incorpóreas (*Fedro* 247c6-7). Dadas essas consequências, a Autopredicação como regra geral não se coaduna com o texto dos diálogos sobre as Ideias⁹ e não pode ser aceita nestes termos para interpretação dos mesmos; e, dado que a Distinção-P aristotélica que eu expus acima está fundamentada numa lógica autpredicativa, tampouco ela pode ser aceita para se pensar as Ideias platônicas (CHERNISS, 1944; VLASTOS, 1965; 1965/1966; 1972; 1973b).

j) **Pressuposto (2) a ser assumido:** mas, apesar de a distinção realizada por Aristóteles não poder ser aceita, distinguir as propriedades pertencentes a uma Ideia platônica parece poder ser útil para pensar alguns problemas aparecentes nos diálogos, sobretudo relativos à

⁹ É necessário diferenciar a inaceitável assunção da Autopredicação eidética como regra geral do reconhecimento de casos fortuitos, específicos e não problemáticos de autopredicação. Para maiores detalhes, cf. SILVA, 2015a - especialmente p. 72, nota 40.

"participação" (conforme também veremos à frente); paralelamente a isso, a *relativização* da posse das qualidades de um ente a certos aspectos desse ente, que é o que deu origem à distinção aristotélica, é de fato valorizada pelo personagem Sócrates platônico com alguma frequência em diferentes contextos (*Ménon*, 71d4-72d3; *República*, V 454a1-d3; 455d7-9; *Fédon* 102b8-d3).

3. Nossa problema

Ex positis, a pergunta é: seria possível uma “nova Distinção-P”, i.e., uma distinção entre os tipos de propriedades pertencentes a uma Ideia platônica, a qual, diferentemente daquela realizada por Aristóteles, fosse compatível com as afirmações dos diálogos sobre estes entes inteligíveis, e que contribuísse na elucidação da dinâmica da “participação”?

4. Haveria utilidade para uma nova Distinção-P? - o caso de *Parménides* 132b-c

Enfim, tendo como ponto de partida os supramencionados conceitos e pressupostos, abramos agora a cortina do teatro filosófico. A cena não poderia ser mais propícia para discutir ontologia: o encontro entre nosso conhecido Sócrates, então um jovem e inseguro aspirante a filósofo, com os já consagrados pensadores eleatas, Parmênides e Zenão. Todos, obviamente, personagens platônicos. O preciso momento da discussão: na assim chamada primeira parte do diálogo *Parménides*, Sócrates postula como saída para algumas aporias a existência de Formas ou Ideias inteligíveis. Diante do pesado criticismo do velho eleata, Sócrates tenta com toda dificuldade manter a sua postulação das Ideias, lançando novas e novas tentativa teóricas de escapar da refutação completa da sua hipótese. A certa altura o menino lança a seguinte tentativa:

ἀλλά [...] ὦ Παρμενίδη, [...] μή τῶν εἰδῶν ἔκαστον ή τούτων νόημα, καὶ οὐδαμοῦ αὐτῷ προσήκῃ ἐγγίγνεσθαι ἄλλοθι ή ἐν ψυχαῖς [...]

τί δὲ δὴ; [...] οὐκ ἀνάγκῃ ή τάλλα φῆσ τῶν εἰδῶν μετέχειν ή δοκεῖ σοι ἐκ νοημάτων ἔκαστον εἶναι καὶ πάντα νοεῖν, ή νοήματα ὄντα ἀνόητα εἶναι;

ἄλλ' οὐδὲ τοῦτο [...] ἔχει λόγον [...] ὦ Παρμενίδη

[SOC.] Mas Parmênides [...], vai ver cada uma dessas Ideias é pensamento, a surgir em nenhum outro lugar senão nas almas [...]

[PARM.] Pois bem [...]. Pela necessidade que tu afirmas de as outras coisas participarem das Ideias, [sendo as Ideias pensamentos] não te parece que ou cada coisa é feita de pensamento e todas pensam, ou, sendo pensamentos, não pensam?

[SOC.] Mas nada disso faz sentido [...], Parmênides.

(PLATÃO. *Parménides* 132b3-c12 – tradução de M. Iglésias e F. Rodrigues, com modificações)

Embora estas palavras do personagem Parmênides envolvam vários elementos de importância reconhecida entre os comentadores¹⁰, a parte delas que de fato me interessa no presente trabalho é apenas a seguinte: *se as Ideias são pensamentos e as coisas participam nelas, então as coisas seriam também pensamentos*. Este raciocínio soa estranho. Mas não parece ser fácil determinar o motivo da estranheza. Por outro lado, fácil parece ser deixar escapar algo de problemático que o trecho apresenta. O quanto indiscutivelmente competentes sejam, alguns dos mais clássicos comentários a este diálogo não apontam para aquilo que eu irei demarcar como estranho nestas palavras de Parmênides, como p. ex. os comentários de H. F. Cherniss, G. Ryle, F. M. Cornford, R. E. Allen e

10 Para uma ampla análise destes elementos e da discussão na literatura secundária sobre eles – com rico aparato bibliográfico –, ver HELMIG, 2007.

F. Ferrari¹¹; S. Scolnicov, ainda que sem se aprofundar, representa uma exceção¹². C. Helmig, por seu turno, demorando-se mais sobre o problema, aponta que o raciocínio acima do personagem eleata “pressupõe o que foi dito em *Parm.* 129a3-6, nomeadamente que os participantes se tornam parecidos com as Formas” (2007, p. 324); mas à frente ele também fará alusão à passagem 130e-131a do diálogo (2007, p. 310 e p. 310, nt. 16). Esta explicação do comentador certamente parece fazer sentido, mas precisa ser melhor averiguada. Antes dessa averiguação, vejamos, para comparação com o afirmado pelo personagem Parmênides, alguns exemplos mais banais de afirmação de “participação” realizados em termos análogos àqueles dos diálogos platônicos: *Helena de Esparta* é bela porque participa na Ideia de Belo (cf. *Hípias Maior* 292c8-d4; *Fédon* 100b5-c8). Outro exemplo: este instrumento de madeira na oficina do tecelão é uma lançadeira porque participa na Ideia de Lançadeira (cf. *Crátilo* 389b1-c2). A qualquer leitor dos diálogos, estes casos não parecem causar nenhuma espécie dentro da dinâmica própria à “participação”. O que há então de tão diferente entre aquela afirmação do personagem ancião de Eleia e estas outras?

A busca pela resposta a esta pergunta implica também avaliar a explicação citada acima do comentador. Com a sua afirmação de que há um pressuposto anteriormente apresentado para o raciocínio do personagem eleata, Helmig parecia apontar para algo como uma “coerência interna” ao próprio texto do diálogo para que Parmênides daquela maneira pensasse. Conforme vimos, o comentador afirmou (HELMIG, 2007, p. 310; 310, nt. 16) que há duas ocorrências anteriores no diálogo de que as coisas participantes se tornam parecidas com (*become like*) as Formas: *Parménides* 129a e 130e-131a. Todavia, que

11 Conforme seus comentários ao trecho citado do diálogo: CHERNISS, 1932, p. 137; RYLE, 1939, p. 136; CORNFORD, 1950, p. 90-92; ALLEN, 1997, p. 167-179; FERRARI, in PLATONE, 2004, p. 80-81.

12 SCOLNICOV, 2003, p. 64.

isso esteja mesmo dito nessas passagens, precisa ser averiguado. Vejamo-las:

[...] οὐ νομίζεις εἶναι αὐτὸς καθ' αὐτὸς εἰδός τι ὁμοιότητος, καὶ τῷ τοιούτῳ αὖτις ἄλλο τι ἐναντίον, ὃ ἔστιν ἀνόμοιον: [...] καὶ τὰ μὲν τῆς ὁμοιότητος μεταλαμβάνοντα ὅμοια γίγνεσθαι ταύτη τε καὶ κατὰ τοσοῦτον ὅσον ἀν μεταλαμβάνῃ, τὰ δὲ τῆς ἀνομοιότητος ἀνόμοια [...];

[SOC.] [...] Não julgas haver alguma Forma em si e por si da semelhança, e, por outro lado, alguma outra, contrária àquela, aquilo que é dessemelhante? [...] E que algumas coisas, tendo participação na semelhança, se tornam semelhantes, por causa disso e na medida em que nela tenham participação, e que outras, tendo participação na dessemelhança, [se tornam] dessemelhantes [...]?
(PLATÃO. *Parménides* 128e6-129a6 – tradução de M. Iglésias e F. Rodrigues)

[...] τόδε δ' οὖν μοι εἰπέ. δοκεῖ σοι, ως φής, εἶναι εἴδη ἄττα, ὃν τάδε τὰ ἄλλα μεταλαμβάνοντα τὰς ἐπωνυμίας αὐτῶν ἴσχειν, οἷον ὁμοιότητος μὲν μεταλαβόντα ὅμοια, μερέθους δὲ μεγάλα, κάλλους δὲ καὶ δικαιοσύνης δίκαια τε καὶ καλὰ γίγνεσθαι;

πάνυ γε [...].

[PARM.] [...] Mas dize-me o seguinte: parece-te, como dizes, haver certas Formas, em tendo participação nas quais essas outras coisas aqui recebem suas denominações? Por exemplo: se têm participação na semelhança, as coisas se tornam semelhantes, se na grandeza, grandes, se no belo e na justiça, justas e belas?

[SOC.] Com certeza [...].

(PLATÃO. *Parménides* 130e4-131a3 – tradução de M. Iglésias e F. Rodrigues)

A atenção ao afirmado pelos personagens Sócrates e Parmênides nestas passagens mostra que na verdade o comentário de Helmig a elas

foi muito impreciso: os personagens não falam em a instância sensível “ficar parecida” com a Forma, eles falam num nível maior de especificidade: a instância recebe sua denominação da Forma, e ela recebe a característica específica da qual a Forma é o correspondente inteligível: a Forma Semelhança causa a qualidade “ser semelhante”, a Forma Justiça, a qualidade “ser justo”, etc. “Ficar parecido” é uma imprecisão de Helmg sobre qual(is) qualidade(s) é(são) causada(s) na relação de “participação”: os dois personagens falam acima em causalidade de qualidades específicas. E é num sentido próximo a esse que se encontra a diferença entre os exemplos acima de Helena e da lançadeira, e o raciocínio sobre “instâncias virarem pensamento” do personagem Parmênides. Entre aqueles dois exemplos e este último, a diferença está no *tipo de qualidade* que, em cada caso, a Ideia está causando na(s) sua(s) instância(s), no que diz respeito à relação dessa qualidade com a própria Ideia. A “participação”, como expus na apresentação inicial dos conceitos envolvidos nessa discussão, é talhada pela “Regra de Causalidade”, segundo a qual a Ideia causa à instância a qualidade específica da qual a Ideia é o específico correspondente inteligível. Assim, a Ideia de Belo causa a qualidade “ser belo”; a Ideia de Grande, a qualidade “ser grande”; etc; exatamente como está dito nas duas citadas passagens do diálogo *Parmênides* aludidas por Helmg, e citadas por mim acima. O problema inicial que podemos notar naquele raciocínio do personagem de Eleia é que ali a “participação” não está operando nesse plano da *especificidade* de cada Ideia, porém está operando no plano de uma qualidade que Sócrates supôs como sendo *geral* de todas as Ideias: *se todas as Ideias forem pensamentos, então as coisas participantes nelas serão pensamentos*. E este modo de raciocinar prova ser nitidamente absurdo se tomarmos uma qualidade não “suposta”, mas que reconhecidamente é, pelo texto dos diálogos, comum a todas as Ideias. Tomemos por exemplo a qualidade “ser intangível”, que é dita ser compartilhada por todas as Ideias platônicas. Se o raciocínio do personagem Parmênides apresentado acima estivesse correto, então,

pelo mesmo modo de raciocinar, sendo todas as Ideias intangíveis, por participarem nelas, todas as suas instâncias sensíveis seriam também intangíveis; o que obviamente seria um absurdo (cf. KEYT, 1971). Na dinâmica da “participação” costumeiramente apresentada no *corpus platonicum*, um objeto como a cama de Sócrates participa de várias Ideias, e mesmo assim não possuímos relatos de este personagem cair no chão ao se deitar: tais “participações” não implicam que este objeto, a cama de Sócrates, manifeste qualidades *gerais* das Ideias, como inteligibilidade e incorporeidade.

Isto é, o problema daquele raciocínio de Parmênides é o mesmo problema da interpretação feita por Helmig dos dois trechos do diálogo citados acima. Ao dizer que os personagens entendem que as coisas participantes se tornam parecidas com as Formas, o comentador dá um sentido mais genérico para as afirmativas dos personagens, as quais eram no plano da especificidade de a Forma causar uma qualidade, ou um tipo de qualidade, preciso, e não qualquer um.

Quando uma instância participa numa Ideia, portanto, ela participa de algumas qualidades desta Ideia, mas não participa de outras (OWEN, 1986 (1968), p. 236-237). Nesse sentido, como notado também por Scolnicov (2003, p. 64), parece de fato ser útil traçar distinções entre tais qualidades, distinções essas que possam inclusive ajudar aclarear o absurdo presente no afirmado pelo Parmênides platônico naquele trecho citado (132b-c).

5. Uma nova Distinção-P

[...] Isto iria requerer uma distinção, na Forma, de propriedades que são participadas daquelas que não são.

E uma tal distinção nós não possuímos.

Samuel Scolnicov¹³

13 SCOLNICOV, 2003, p. 64.

Como rapidamente exposto no início do meu texto, o grande problema da Distinção-P traçada por Aristóteles era o fato de ela estar sedimentada em cima de uma concepção autopredicável das Ideias platônicas. Abdicando desta concepção, mas mantendo a *relativização* da posse de uma qualidade a certos aspectos identificáveis na Ideia, eu gostaria:

- de sugerir uma “nova” distinção de propriedades nas Ideias;
- averiguar sua legitimidade e mostrar sua utilidade.

Eu sugiro então uma distinção das propriedades das Ideias platônicas (“Distinção-P”) nos seguintes três tipos:

i) “Propriedades Ideais”: São as propriedades que são exclusivas das Ideias e que as diferenciam das instâncias sensíveis. Nesse sentido, é perfeitamente possível dizer que tais qualidades são as causas do que Franco Ferrari (2003) chamou de “separação ontológica” (*chorismós*) entre estes dois tipos de ente. Chamo atenção, ainda, que com este conceito pretendo incorporar as contribuições, a partir do texto aristotélico, de G. E. L. Owen (1968) e D. Keyt (1969; 1971) à matéria: trata-se as “Propriedades Ideais” daquelas que todas as Ideias têm, cuja ausência de algo implicaria que este algo não fosse uma Ideia platônica (noção de “necessidade”); e são também propriedades da Ideia *qua Ideia*, i.e., *com relação ao fato de ser Ideia*;

ii) “Propriedades Definidoras”: São as propriedades que definem a Ideia específica que cada Ideia é. E, lembrando dos tipos de predicação que expus no início, Predicação Paulina e Predicação Ordinária, as “Propriedades Definidoras” são atribuídas às Ideias na modalidade de Predicação Paulina – o que significa que, se houver alguma instância dessas Ideias, tais propriedades lhe são necessariamente atribuídas em

modalidade de Predicação Ordinária. Esta assertiva é simples e um exemplo deixá-la-á clara: ao dizer que são Propriedades Definidoras da Ideia de Homem “ser animal” (i.e., ter alma e corpo) e “ser bípede”, não se está atribuindo literalmente (i.e., em Predicação Ordinária) à própria Ideia de Homem a posse de alma e corpo, ou de dois pés, posto que uma Ideia possuir alma, corpo ou pés não faria nenhum sentido. A afirmativa é um caso de Predicação Paulina, o seu real sentido sendo: se houver alguma instância desta Ideia (se existir algum “homem”), ele necessariamente deverá ter alma e corpo, bem como lhe ser natural andar sobre dois pés. Como não é difícil ver, a atribuição destas “propriedades definidoras” às instâncias por uma Ideia é a tradução, na linguagem da predicação (cunhada pelos comentadores analíticos), da relação causal entre Ideia e instância conhecida no *corpus* por “**participação**”. Com meu conceito de “Propriedades Definidoras”, eu tento absorver o que de positivo havia nas contribuições de Keyt (1969; 1971) e Owen (1968), não me vendo contudo obrigado a assumir a autopredicação que tais comentadores, a partir do texto aristotélico, assumiram em seus posicionamentos;

iii) “**Propriedades Existenciais**”: São comuns a Ideias e instâncias na modalidade de Predicação Ordinária para ambas. Exemplos de “Propriedades Existenciais”: existência, identidade e alteridade. Frise-se que os entes, instâncias e Ideias, recebem estas propriedades através da participação nas Ideias correspondentes inteligíveis destas próprias propriedades. De fato, possuímos obra platônica que deixa claro que as propriedades acima (“existência” incluída, como mais uma qualidade entre as outras duas) são causadas por três dos chamados “Gêneros Supremos”: Ideia de Ser, Ideia de Mesmo e Ideia de Outro (conforme o trecho sobre os *mégista géne*, *Sofista* 250-259). Nesse sentido, p. ex. a instância sensível “este escudo de madeira” não é a mesma que si mesma por participação na Ideia de Escudo, mas sim por participação na Ideia de Mesmo.

Se pudermos aceitar essa nova versão da Distinção-P, então poderemos ver a sua utilidade para iluminar alguns aspectos da ontologia platônica, como, p.ex., a dinâmica da “participação”. Considerando a enunciação que forneci, no início do meu texto, da “Regra de Causalidade” que rege essa dinâmica (abstraída da passagem *Fédon* 100b5-c8), é possível agora reescrevê-la usando essa “nova” Distinção-P: ***quando um ente participa numa Ideia, é a posse das Propriedades Definidoras da Ideia que a Ideia causa neste ente.*** ***Isto é, a participação de um ente em uma Ideia faz com que o ente possua não as Propriedades Ideais da Ideia, nem as Propriedades Existenciais da mesma, mas sim as Propriedades Definidoras dela.*** Esta regra poderia ser ainda reescrita mais uma vez, com uma precisão ainda maior; mas, para meus objetivos neste artigo, esta redação acima é o suficiente.

Aplicaremos esta distinção de propriedades a um exemplo, para ver se a nova classificação procede. Vejamos o caso da Ideia de Cama, apresentada nas páginas 596 e 597 do texto estabelecido por Burnet do Livro X da *República*. Procuremos identificar os três tipos supracitados de propriedades desta Ideia. Ela possui “propriedades ideais”, das quais comunga como todas as Ideias: “ser eterna”, “ser imutável”, “ser invisível”, etc. E esta Ideia também possui “propriedades existenciais”, que compartilha com todas as Ideias e com todos os entes sensíveis: ela “existe” (“existência”), ela “é mesma que si mesma” (“identidade”), ela “é outra que os outros entes” (“alteridade”), etc. Além disso, a Ideia de Cama possui características que lhe são específicas (mas não necessariamente exclusivas), i.e., as suas “propriedades definidoras”, tais como “ser cama”, “ser um artefato”, etc. Como já explicado, não há aqui “Autopredicação” *stricto sensu*, haja vista a Ideia de Cama possuir a qualidade “ser cama” na modalidade de Predicação Paulina: quem possuirá estas “propriedades definidoras” na modalidade de Predicação Ordinária serão as instâncias da Ideia de Cama, o que lhes é causado pela relação de “participação”. Pelo participar na Ideia de Cama,

portanto, não ficam as camas sensíveis arriscadas a “receberem” da Ideia de Cama qualquer uma de suas “propriedades ideais” ou “propriedades existenciais”, porém apenas as “propriedades definidoras”, como “ser cama” e “ser um artefato”.

6. Encaminhamentos finais: *Parmênides* 132b-c e o silêncio

Agora podemos ver com mais clareza qual era o problema daquele raciocínio do personagem Parmênides no trecho inicialmente citado do diálogo homônimo. A partir da colocação de Sócrates de uma hipotética “propriedade ideal” das Ideias (“ser pensamento”), o eleita concluiu que as instâncias participantes receberiam por participação esta propriedade. Ora, isto obviamente seria absurdo, porque iria de encontro à “Regra de Causalidade” da Hipótese das Formas, considerada agora em sua nova redação: quaisquer que sejam as “propriedades ideais” e “existenciais” das Ideias, suas instâncias só receberiam por participação as “propriedades definidoras” delas. Ainda que as Ideias fossem pensamentos, a “participação” nelas não faria com que as coisas do mundo o fossem. Se não, sendo sabido o fato de a Ideia de Escudo ser “incorpórea”, que utilidade o magnânimo escudo feito por Hefestos teria para Aquiles, Ajax e Odisseu, se este objeto “recebesse” por “participação” a “incorporeidade” daquela Ideia, e assim não pudesse proteger nem da mais débil das flechas (KEYT, 1971; SHIELDS, 2011)? E que sentido haveria na reiterada demarcação de diferença entre as Ideias e entes sensíveis levada a cabo pelo personagem Sócrates (p. ex., *República* V, 476a4-d4; 478c7-480a13; VI, 484b3-4; 485b1-3; 486d9-10; 490b2-4; 493e2-494a5; 500b8-c5, 507b2-c2), se propriedades como imperecibilidade e eternidade fossem passadas por participação das primeiras para os segundos?

Portanto, aquele raciocínio do personagem Parmênides para refutar a colocação hipotética de Sócrates é um raciocínio inválido, porque supõe a dinâmica da participação operar em um desrespeito à Regra de Causalidade (*Fédon* 100b5-c8 e alhures). E aqui importa

demarcar a minha estranheza quanto às conclusões de Helmig sobre este mesmo trecho do diálogo. Por um lado, o comentador reconhece que, no que tange àquele raciocínio do personagem eleata, “o problema é que as Formas *qua* Formas possuem certas qualidades de que os participantes certamente não participam. Por exemplo, as Formas são por definição eternas ou imóveis” (HELMIG, 2007, p. 334-335); e com isto estou em total acordo. Contudo, mesmo após essa afirmação, sobre a qual ele alude a certa bibliografia com a qual eu também trabalho¹⁴, o comentador concluirá, no fim de seu artigo, que aquele raciocínio do personagem Parmênides pode “ser considerado válido num contexto platônico” (2007, p. 336) (!). Embora forneça argumentação para demonstrar outras de suas conclusões, para provar esta conclusão especificamente, Helmig não fornece argumentação anterior – sua alusão *en passant* a Proclo certamente sendo incapaz de fazê-lo (2007, p. 335). E, diante do que o comentador afirmou, sobre as propriedades da Forma *qua* Forma, admito que não consigo ver como ele pode concluir que aquele raciocínio do personagem eleata possa ser “válido”.

Mas, deixando de lado o comentador, e voltando à minha proposta de nova Distinção-P para pensar o problema da “participação” em *Parmênides* 132b-c, para um último ponto quanto a sua utilidade eu gostaria de chamar atenção: ela só ajuda a iluminar a incorreção naquele falar do velho personagem eleata no diálogo, sendo contudo incapaz de explicar o porquê de ele assim falar, nem de explicitar como esse falar foi recebido pelo seu interlocutor, o jovem Sócrates. Todo o contexto indica que Parmênides apresentou aquele seu raciocínio “falacioso” (KEYT, 1971, p. 5-8) sobre a “participação” com a pretensão de refutar a caracterização hipotética de Sócrates das Ideias como pensamentos. E a falácia presente no raciocínio de

14 Cf. HELMIG, 2007, p. 334, nt. 85, que faz menção ao mesmo texto de Aristóteles (*Tópicos* 137b3-13) e artigos de Vlastos (T.L.P.A., 1972) e Owen (1968) mencionados por mim no início do meu texto.

Parmênides, embora retire qualquer legitimidade da sua pretensa refutação do jovem Sócrates, também não prova que o rapaz estivesse certo. Por outro lado, a resposta de Sócrates a essa tentativa de refutação do personagem eleata não poderia ser mais ambígua: “Mas nada disso faz sentido [...], Parmênides” (*Parmênides* 132c12). Aos olhos do leitor, parece ser impossível ficar claro se o que o rapaz considerou absurdo foi i) a sua própria enunciação hipotética anterior, ou ii) o raciocínio do ancião à sua frente, ou iii) as duas coisas. Isto é, o que Sócrates está dizendo que não faz sentido: i) as Ideias serem pensamentos? ii) as instâncias das Ideias, devido à *participação*, virarem pensamentos? ou iii) estas duas hipóteses?

Ficamos então tentados a perguntar diretamente ao próprio autor da obra: “mas que sentido faz isso, Platão?” A resposta, sabidamente, pareceria ser um silêncio, um silêncio de 25 séculos. O silêncio da abertura exegética, o hiato que incita o leitor ao esforço de pensamento para preenchê-lo. E aqui podemos lembrar do que foi dito no início deste texto, sobre a arte de explorar o silêncio de Miles Davis, e de seus possíveis efeitos em sua audição. Seriam estes silêncios no texto do diálogo *Parmênides*, assim como os silêncios daquele grande jazzista, também *ocasiões e convites* – de Platão ao seu leitor, para que este se torne partícipe da performance daqueles personagens, tecendo as questões que eles não teceram, ou criando as respostas que eles não criaram? Nesse sentido, poderíamos nós então dizer que o fundador da Academia também estaria a deixar “aberturas” em suas “composições” – para soar, em cada um, um som que está *fóra* do palco?

Haverá música mais sublime do que a filosofia? E
e não é justamente isso que eu faço?
Personagem Sócrates platônico¹⁵

15 PLATÃO. *Fédon*, 61a.

7. Referências Bibliográficas

ALLEN, R. E. "Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues". In _____ (ed.). *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge and Kegan Paul, 1967 (1960), p. 43-60.

ALLEN, R. E. *Plato's Parmenides*. London: Routledge & Kegan Paul, 1997.

ARISTOTLE. *Posterior Analytics. Topica*. Transl. by H. Tredennick and E. S. Forster. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução J. F. de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRUMFIELD, R. *The Making of One of Jazz's Most Influential Recordings* (2010). In: <http://learningenglish.voanews.com/content/the-making-of-one-of-jazzs-most-influential-recordings-105187234/114162.html> (página de internet; acesso em 23/12/2015, às 16:07).

CAGE, J. *Silence*. Middletown: Wesleyan University Press, 1961.

CHERNISS, H. *Aristotle's criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1946 (1944).

CHERNISS, H. F. "Parmenides and the Parmenides of Plato". *The American Journal of Philology*, vol. 53, no. 2 (1932), p. 122-138.

CORNFORD, F. M. *Plato and Parmenides. Parmenides' way of truth and Plato's Parmenides*. London: Routledge & Kegan Paul, 1950.

DIXSAUT, M. *Métamorphoses de la dialectique dans le dialogues de Platon*. Paris: Vrin, 2001.

FERRARI, F. "L'idea del bene: collocazione ontologica e funzioni causale". In PLATONE. *La Repubblica*. Vol. V. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003.

FINE, G. (ed.) *Plato 1. Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

FRONTEROTTA, F. *METHEXIS. La teoria platonica delle idee e la partecipazione delle cose empiriche*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2001.

HELMIG, C. "Plato's arguments against conceptualism. Parmenides 132b3-c11 reconsidered". *Elenchos* XXVIII, fasc. 2 (2007).

KEYT, D. "Plato's paradox that the Immutable is Unknowable". *Philosophical Quarterly* 19 (1969), p. 1-14.

KEYT, D. "The mad craftsman of the *Timaeus*". *Philosophical Review* 80 (1971), p. 230-235.

KRAUT, R. (ed.) *Plato's Republic: Critical Essays*. New York: Rowman & Littlefield, 1997.

MURDOCH, I. *The sovereignty of Good*. London: Routledge & Kegan Paul, 1970.

NATORP, P. *Plato's Theory of Ideas*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2004 (1903).

NEHAMAS, A. "Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues". *The Review of Metaphysics* (1972).

OWEN, G. E. L. "Dialectic and Eristic in the treatment of Forms". In _____ (ed.) *Aristotle on Dialectic: the Topics. Proceedings of the Third Symposium Aristotelicum*. Oxford: Clarendon Press, 1968, p. 103-125.

PLATONE. *Parmenide*. Introduzione, traduzione e note de Franco Ferrari. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2004.

ROSS, W. D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1953 (1951).

RYLE, G. "Plato's Parmenides". *Mind*, vol. 48, no. 190 (1939).

SANTAS, G. "The Form of the Good in Plato's Republic". *Philosophical Inquiry* (1980). Reeditado em: ANTON, J. P.; PREUS, A. (ed.) *Essays in Ancient Greek Philosophy* vol. II. Albany: State University of New York Press, 1983; e em FINE, G. (ed.) *Plato 1. Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SCOLNICOV, S. *Plato's Parmenides*. Berkeley: University of California Press, 2003.

SHIELDS, C. "Surpassing in Dignity and Power: The Metaphysics of Goodness in Plato's Republic". In: ANAGNOSTOPOULOS, G. (ed.). *Socratic, Platonic and Aristotelian Studies: Essays in Honor of Gerasimos Santas*. London: Springer Science+Business Media, 2011.

SILVA, A. L. B. "Ideias de Bem e de Belo, os fóttons da filosofia? - uma discussão com Gerasimos Santas arbitrada por G. Vlastos". *Investigação Filosófica*, Vol. 6 - Edição especial do I Encontro Investigação Filosófica (2015), p. 62-79 (disponível em <http://periodicoinvestigacaofilosofica.blogspot.com.br/> - página de internet, acesso em 18/12/2015, às 15:03).

SILVA, A. L. B. "Nossa, Apolo, mas que exagero extraordinário!" - Algumas notas sobre Ontologia e a Ideia de Bem em Platão *República* VI 508e-509c. In: CARVALHO, M.; CORNELLI, G.; MONTENEGRO, M. A. (org.). *Platão*. São Paulo: ANPOF, 2015 (Coleção XVI Encontro ANPOF) (disponível em http://www.anpof.org/portal/images/Colecao_XVI_Encontro_ANPOF/CarvalhoM.CornelliG.MontenegroM.A. Platão. Colecao XVI Encontro ANPOF.pdf - página de internet, acesso em 23/12/2015, às 10:55).

VLASTOS, G. "A metaphysical paradox". In: _____. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973 (1965/1966), p. 5-19.

VLASTOS, G. "Degrees of reality". In _____. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973 (1965).

VLASTOS, G. "Reason and Causes in the Phaedo. In _____. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973 (1969).

VLASTOS, G. "The "Two-Level Paradoxes" in Aristotle. In _____. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973.

VLASTOS, G. "The Unity of Virtues in the Protagoras. In _____. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973 (1972).

VLASTOS, G. "An Ambiguity in the Sophist". In _____. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973.

ZWERIN, M. *Sons of Miles – The Prince of Silence*. (1998) In: <http://www.culturekiosque.com/jazz/miles/rhemiles2.htm> (página de internet; acesso em 23/12/2015, às 15:03).